

“DIVERGÊNCIAS SÃO INEVITÁVEIS”: 27 ANOS DE CORRESPONDÊNCIAS ENTRE VILÉM FLUSSER E MIGUEL REALE

“Las divergencias son inevitables”: 27 años de correspondencia entre Vilém Flusser y Miguel Reale

“Divergences are inevitable”: 27 years of correspondence between Vilém Flusser and Miguel Reale

**_FABIO CYPRIANO
_ANDRÉ NAVEIRO RUSSO**

SOBRE OS AUTORES >

Foto: Blende12

FABIO CYPRIANO >

Livre docente em Comunicação e Artes pela PUC-SP, professor associado na PUC-SP. E-mail: cypriano@pucsp.br

ANDRÉ NAVEIRO RUSSO >

Doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professor na PUC-SP. E-mail: andrenrusso@gmail.com.

RESUMO > RESUMEN > ABSTRACT >

Este artigo ocupa-se de 43 cartas trocadas entre o filósofo Vilém Flusser (1920 – 1991) e o jurista Miguel Reale (1910 – 2006), entre setembro de 1964 e maio de 1991, buscando contextualizá-las do ponto de vista histórico e político. A primeira parte do texto propõe uma breve análise da história de Flusser e Reale, na tentativa de compreender a relação entre um judeu que escapou do holocausto e um defensor da ditadura no Brasil. Em seguida, os principais tópicos das correspondências serão apresentados e relacionados com o cenário político e social.

Palavras-chave: Vilém Flusser; Miguel Reale; Instituto Brasileiro de Filosofia e Ditadura militar brasileira.

Resumen: Este artículo trata de 43 cartas intercambiadas entre el filósofo Vilém Flusser (1920 – 1991) y el jurista Miguel Reale (1910 – 2006), entre septiembre de 1964 y mayo de 1991, tratando de contextualizarlas desde un punto de vista histórico y político. La primera parte del texto propone un breve análisis de la historia de Flusser y Reale, en un intento de entender la relación entre un judío que escapó del holocausto y un partidario de la dictadura en Brasil. Los temas principales de la correspondencia serán presentados y relacionados con el escenario político y social.

Palabras clave: Vilém Flusser; Miguel Reale, Instituto Brasileiro de Filosofia y Dictadura militar brasileña.

Abstract: This article deals with 43 letters exchanged between the philosopher Vilém Flusser (1920 – 1991) and the jurist Miguel Reale (1910 – 2006), from September 1964 to May 1991, seeking to contextualize them from a historical and political point of view. The first part of the text proposes a brief analysis of the history of Flusser and Reale, in an attempt to understand the relationship between a Jew who escaped the holocaust and a supporter of dictatorship in Brazil. The main topics of the correspondence will then be presented and related to the political and social scenario

Keywords: Vilém Flusser; Miguel Reale; Instituto Brasileiro de Filosofia and Brazilian military dictatorship.

“DIVERGÊNCIAS SÃO INEVITÁVEIS”: 27 ANOS DE CORRESPONDÊNCIA ENTRE VILÉM FLUSSER E MIGUEL REALE

ANTES DE ABRIR OS ENVELOPES

“Escrever é um gesto importante, porque não só articula como também produz aquele estado mental chamado de ‘consciência histórica’”, defende Vilém Flusser (Flusser, 2007, p. 139). O filósofo checo naturalizado brasileiro não vê a importância da escrita apenas porque determinaria o início de uma narrativa sobre a humanidade, mas no fato de que “durante a história há homens¹ letrados que experimentam, entendem e avaliam o mundo como um ‘acontecimento’ (becoming)” (Flusser, 2007, p. 140). Assim, escrever, para Flusser, é mais que apenas contar, é uma ação que busca a compreensão do mundo ao mesmo tempo de sua concepção.

Acreditamos que a extensa troca de cartas, que o intelectual desenvolveu ao longo de sua vida em várias línguas e com figuras de perfis distintos, faça parte desse esforço de compreensão e de elaboração. É nessa chave, ao menos, que pode ganhar sentido sua correspondência com o professor, jurista e filósofo Miguel Reale, um integralista nos anos 1930, que não só foi um dos defensores públicos da ditadura militar brasileira entre 1964 e 1985, como um de seus mentores, por meio do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), como defende o historiador Rodrigo Jurucê Mattos

¹ Escrito em 1983/4 originalmente em inglês como “The Future of writing”, o texto foi traduzido, em 2007, por “O Futuro da escrita” e usa a expressão “homens letrados”, que hoje mereceria ser revista para ser mais inclusiva, referindo-se também às mulheres

Gonçalves: “Reale não apenas participou, como foi um dos articuladores civis do golpe junto do governador de São Paulo, Adhemar de Barros” (Gonçalves, 2018, p. 5).

Por que um intelectual que escapou do nazismo como Flusser manteria uma troca de cartas por tão longo período com o autor de “Os Imperativos da Revolução de Março”, de 1965, “um dos primeiros esforços intelectuais dos golpistas de justificar a tomada do Estado”, como define Gonçalves? Como um humanista preocupado em compreender o poder das imagens se relacionaria de forma sistemática e frequente com um defensor de um Estado que praticou a tortura como método de eliminação de seus inimigos?

A correspondência entre Flusser e Reale compreende um total de 43 cartas, sendo 41 datilografadas e duas manuscritas, disponibilizadas em 84 páginas digitalizadas no volume 3 do grupo denominado Instituto Brasileiro de Filosofia no site do Arquivo Vilém Flusser de São Paulo. Para efeito de análise, não foram consideradas neste estudo as cartas do IBF com autoria distinta das de Miguel Reale. Nessas cartas, nota-se a disposição de Flusser ao diálogo, à provocação e a se deixar provocar, ainda que o interlocutor seja alguém com concepções e ideias algumas vezes distintas às dele, cenário ideal para a concepção do filósofo a respeito do diálogo. Ao estabelecer a diferença entre discurso e diálogo, Flusser afirma que:

O diálogo é, pois, uma situação relativamente rara, e por isto, preciosa. Surge apenas quando dois sistemas diferentes, mas semelhantes, se abrem mutuamente, e quando têm amplitude comparável. [...] Enquanto dura, sentenças parcialmente redundantes e parcialmente ruidosas são transformadas em informação pelo receptor, cujo repertório e cuja experiência ficam por isto enriquecidos. E provocam no receptor, outras sentenças que são emitidas para enriquecer o parceiro (Flusser, 1998, p.100).

Creemos, então, que a estratégia proposta por Flusser é acabar essa espécie de jogo em empate, ao contrário do discurso, que “pode ser concebido como uma situação na qual um sistema se lança sobre sistemas vizinhos a fim de assimilá-los ao seu. [...] Exemplos excelentes de discurso são religiões e ideologias. [...] O discurso é uma comunicação imperativa.” (Flusser, 1998, p.101).

Entendem-se aqui como “discursos anteriores” as cartas e o conteúdo de cada uma como as informações disponíveis para que o diálogo caminhe, mesmo que em alguns casos, especialmente nos primeiros anos, Flusser seja mais enfático em relação à sua situação no Brasil, em contexto de censura, e Reale não responda as cartas mais dramáticas. Acima de tudo, as cartas apontam para um diálogo privado entre um intelectual estrangeiro, seja no Brasil, seja na França, que está tentando compreender seu contexto e um jurista e político influente no país, apenas dez anos mais velho que ele.

É importante lembrar que Flusser chegou ao Brasil em 1940, com apenas 20 anos de idade, tendo já cursado um ano de Filosofia em sua terra natal e abandonado a carreira de empresário para se dedicar ao ensino. Em São Paulo, engajou-se por muitos anos nas atividades do Instituto Brasileiro de Filosofia, colaborando na revista da instituição, marcada “por um posicionamento definido, distante e hostil do marxismo” (Gonçalves, 2018, p.3). Aqui, é essencial lembrar que, originário da Tchecoslováquia, um país que se tornou satélite da então

“Divergências são inevitáveis”: 27 anos de correspondências entre Vilém Flusser e Miguel Reale

União Soviética ao instituir um estado comunista em 1948, Flusser possivelmente era crítico ao marxismo por conta das barbáries estalinistas, preferindo então se alinhar no Brasil a um instituto de caráter liberal. Em um sucinto balanço de sua vida, na carta de 4 de fevereiro de 1991, ele afirma ter tido aos 30 anos “a desilusão com o comunista”, o que de fato explica sua aproximação com o IBF.

Nos anos 1960, Flusser lecionou Filosofia da Ciência, na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, onde Reale foi reitor em 1949/1950 e de 1969 a 1973, denotando aí que as comunicações entre ambos também ocorriam entre uma figura de poder na academia e um simples professor, o que se verifica nos tons cordiais das cartas, mas onde fica claro que não se trata de iguais. Também é relevante lembrar que Flusser deixou o Brasil em 1972, três anos após a ditadura militar iniciar de fato seu momento mais duro, e seguiu se correspondendo com Reale até maio de 1991, seis meses antes de sua morte. Portanto, Flusser não vivenciou o período mais dramático da ditadura, tampouco seu encerramento que, ao contrário de outros países latino-americanos como a Argentina, com o processo de Anistia, acabou isentando os militares e civis envolvidos, como o próprio Reale, do envolvimento com a tortura e morte praticadas nas prisões. Dessa forma, se a sociedade brasileira não condenou Reale, por que esperar tal condição de um estrangeiro como Flusser?

AS CARTAS

Na Carta 1 (FLUSSER, 1964, p.1), de 20 de setembro de 1964, Flusser solicita a Miguel Reale que “aceite o desafio íntimo e profundo” de uma conversa sobre temas filosóficos para em seguida afirmar que está “perfeitamente consciente da diferença de nível que existe entre nossas ‘linguagens’”. O filósofo checo, assim, pavimentava um caminho de respeito mútuo de fundamental importância, considerado o período histórico em que se iniciou a troca de cartas em análise. O cenário pode ser mais bem compreendido ao buscarmos trechos de um depoimento do professor e filósofo José Arthur Gianotti sobre a relação de Flusser com o Instituto Brasileiro de Filosofia, do qual Miguel Reale era importante elemento.

É preciso não esquecer também que, a partir do golpe de 64, as coisas se politizaram profundamente, isto é, foram as pessoas ligadas ao Instituto Brasileiro de Filosofia, afinal de contas, que apoiaram o regime militar, que apoiaram os Atos Institucionais e assim por diante. [...]. Eu acho que, como eu estou insistindo, a luta ideológica era de tal forma forte que a despeito de o professor Miguel Reale, por quem tenho um enorme respeito, ter sido reitor da universidade, e um excelente reitor, é preciso não esquecer que uma vez ele disse ao Porchat²: ‘Porchat, de todos os fascistas, eu sou o mais liberal!’. (Bernardo, 1999, p.230).

² Oswaldo Porchat Pereira, professor aposentado de Filosofia da USP.

Não deixa de ser contraditório, contudo, que em nome de uma “vida pautada na ética”, Reale tenha admitido práticas contrárias aos direitos humanos, como a tortura e a censura pela “força do Estado”.

Na Carta 3 (FLUSSER, 1965, p.3), de 19 de março de 1965, Flusser critica a forma de agir de governantes, porque Reale estaria sendo convidado a um cargo que não explicita qual, e deixa em relevo a importância da cultura como ponto de equilíbrio em uma realidade como a que se vivia naquele período. Ele afirma que “governar [...] é uma atividade deliberadamente superficial, já que visa manter o navio do estado na superfície das ondas”. Flusser parece por em xeque qualquer conduta de um mandatário de cargo executivo e aponta a cultura como “a infraestrutura do estado em situações como a nossa”, isto é, o acesso à cultura como elemento de conscientização política, entendendo-se, neste caso, a cultura como a base para se agir de forma política, não necessariamente como um político. Flusser afirma, então, que o lugar de Reale estaria na cultura porque “é nela que seu agir já tem sido decisivo e poderá continuar decisivo.” Flusser aponta ainda o jogo político, no qual Reale é ativo, tendo sido secretário de Justiça de São Paulo em 1963 e 1964, como “a caverna dos vendavais das opiniões”, questionando se vale esse salto para um regresso à sabedoria após quatro anos.

Por fim, Flusser pede a Reale que considere a carta como “expressão de emoção preocupada de quem é seu discípulo e amigo, e de quem está engajado, não no estado brasileiro, senão na cultura brasileira”. O conceito de engajamento percorre todo o repertório de Flusser nesta incansável troca de mensagens com Miguel Reale.

Em momento de resposta de Reale a Flusser Carta 4 (REALE, 1966,p.4), seis meses depois, em 22 de novembro de 1966 , o jurista demonstra abrir portas para opiniões de Flusser sobre seus textos porque “não creio possa existir interpretação cem por cento coincidente com o texto, e nisso reside a força criadora do ato interpretativo”, mas ignora o debate proposto sobre a política. Na carta, Reale ainda informa que o IBF deve receber verbas e, pretendendo reestruturá-lo, “conto com sua colaboração”.

Na Carta 5 (FLUSSER, 1967, p.6), Flusser escreve de Nova York, em 12 de janeiro de 1967, e reflete sobre seu papel no ambiente universitário: ao questionar se poderá “colaborar de uma maneira útil” e afirmar ter “medo de não ser aproveitado”, desenha um ambiente que é o temor de quem - ao entender a universidade como o espaço para reflexões e questionamentos de ordem social, política e econômica – teme que o atual governo crie mecanismos de controle que impeçam essa realidade. Nas correspondências, é o prenúncio da percepção do fechamento político, cultural e social do país e o início da sensação da falta de pertencimento no Brasil.

Na Carta 8 (FLUSSER, 1970, p.11), novamente de Flusser, em 27 de fevereiro de 1970, o tema do papel do intelectual em uma sociedade com censura ganha relevância; o engajamento é posto em evidência novamente e Flusser questiona: “Em situações nas quais o filosofar é desestimulado, qual o engajamento e a responsabilidade daquele que filosofa?” As opções que ele enumera:

- a) aderir à situação e abandonar a filosofia no seu sentido exato;
- b) engajar-se contra a situação, o que implica igualmente em abandono da filosofia;

- c) isolar-se e filosofar “hui ciclos”, o que implica no abandono de engajamento e recusa de responsabilidade;
- d) filosofar quand-même, o que implica não apenas riscos econômicos, sociais, (e quiçá físicos), mas pior ainda incompreensão geral e isolamento, e
- e) Fugir da situação, que é atitude comodista e covarde, portanto desprezível.

Segundo Flusser, a alternativa d é a mais digna, mas não resiste a uma análise mais atenta. Porque o filosofar não é apenas um diálogo interno no sentido platônico, mas também externo. Exige publicação e, neste sentido, é político e exige, portanto, réplicas, tréplicas. Em A fenomenologia do brasileiro, Flusser afirma que “tal filosofar provocaria no Brasil a descoberta de essência do próprio pensador e da situação na qual se encontra.” (Flusser, 1998, p.142). Descobrir a situação na qual se encontra é sinônimo de consciência política como fundamental para o cidadão e é essa proposta de Flusser em várias das reflexões propostas por meio das cartas remetidas a Reale, que não responde sobre o tema, apesar da importante reflexão sobre a importância de o indivíduo não se omitir. Em texto de 1º de janeiro de 2020, intitulado “Os cúmplices”, a jornalista Eliane Brum afirma que “nenhum autoritarismo se instala ou se mantém sem a cumplicidade da maioria[...] em tempos de autoritarismo, nenhum silêncio é inocente – e toda omissão é ação” (Brum, 2020) A jornalista também crítica a acomodação do “pessoal da sala de jantar” que permanece desta forma, independentemente de governo.

Das cartas trocadas no Brasil, a Carta 11 (FLUSSER, 1971, p.15), de Flusser, em 1º de outubro de 1971, é a mais dramática. Nela, ele escancara suas dificuldades em relação ao contexto brasileiro e pede ajuda ao amigo, que não irá respondê-lo. A correspondência, então, é retomada em 1972, por parte do próprio Flusser, já vivendo no exterior. O que diz a carta de 1971:

Há mais de 20 anos engajo-me no Brasil, e não tem sido um engajamento fácil. Implicava no abandono ou na superação de muita coisa, por exemplo, da minha ligação à cultura alemã, e, mais penosamente, do meu judaísmo. Mas fui amplamente recompensado. Recompensado por numerosas amizades, (entre as quais a sua tem papel de destaque), e pelos efeitos que meu engajamento teve sobre numerosas pessoas, (principalmente jovens), no campo das artes e do pensamento [...]. A sociedade brasileira está em fase histórica na qual um engajamento meu pode ser mais prejudicial que benéfico, já que minha contribuição é a de despertar dúvidas e análises, não entusiasmo para por mão à obra.

A carta segue em tom altamente confessional, especialmente sobre o ambiente acadêmico na cidade, afirmando que na USP sua posição foi “humilhante e mal paga” e na Faap a qualidade dos alunos é “frustrante, e frustrante também o ambiente de alienação e futilidade”. Contudo, ele manifesta descontentamento em buscar viver na Europa: “lá não me engajo. [...] posso fazer lá o que me compete fazer por vocação, sem respeito pela sociedade”. E termina com um apelo: “Não lhe peço conselho [...] mas quero dialogar consigo. [...] Responda esta vez, é o que lhe peço”. Não houve resposta.

Dez meses depois, Flusser escreve de Merano, na Itália, a Carta 12 (FLUSSER, 1972, p.18), em 22 de agosto

de 1972, deixa de lado o tom dramático de seu posicionamento no Brasil, evita pedir conselhos, e conta sobre seus esforços para organizar a próxima Bienal de São Paulo: “Estão assumindo proporções que exigirão minha presença da Europa por mais alguns meses.” Novamente, Flusser assume seu engajamento, desta vez em prol da Bienal, objetivando “transformar São Paulo em laboratório de estética da humanidade”, como define na carta.

Já na Carta 13 (FLUSSER, 1973, p.20), que Flusser envia de Munique, em 18 de outubro de 1973, ele lamenta a tragédia que se abateu sobre a família de Reale: a morte da filha do jurista, Livia Maria e seu marido, Antonio Carlos de Camargo Ferrari, em um incêndio em hotel na cidade de Copenhagen. Segundo Flusser, a forma de “enfrentar a estupidez do destino é calar-se, mas espero que a confirmação da minha amizade pode lhe trazer algum conforto. E por isso lhe escrevo”.

Então, finalmente Reale volta a escrever ao amigo, com a Carta 14 (REALE, 1973, p.25), de 27 de novembro de 1973, na qual agradece a lembrança de Flusser pela tragédia familiar e estranha a falta de contato dos últimos meses. “Senti, durante esse tempo, o silêncio que se entregou”. Neste sentido, pergunta: “Será que é apenas a angústia que nos une, revelando nossa igualdade substancial precária?” Aqui, de forma discreta, ele admite conhecimento sobre os sentimentos de Flusser sobre sua situação no país sem, contudo, se manifestar a respeito. Mas de forma gentil, Reale conta que o IBF “vai mal” e pede que ele mande um artigo para a revista, como a manter as trocas entre ambos.

Flusser, por sua vez, na Carta 15 (FLUSSER, 1973, p.22), de 7 de dezembro de 1973, afirma não estar seguro se não escreveu a Reale e se merece a reprimenda: “Não escrevi porque senti que o amigo não simpatizava com os motivos do afastamento e não quis aumentar nosso desacordo”. Diz ter se dedicado quase que exclusivamente à organização da 12ª Bienal³ de São Paulo:

Foi experiência extremamente rica, porque minha ideia de reorganizar a Bienal em moldes comunicológicos (dialógicos), foi recebida entusiasticamente por parte de artistas críticos, e órgãos educativos. Se tivesse vingado, São Paulo teria sido a capital das artes mundiais em setembro. A direção da Bienal, no entanto, (e como o amigo deve saber), furtou primeiro meu programa, (apropriou-se dele sem me mencionar, e sem me pagar sequer minhas despesas), e depois transformou a ideia em oportunidade para painéis e painelinhos se manifestarem.

Resultado ambivalente: “Frustração de um lado, mas enriquecimento intelectual do outro.” Como tarefa em curto prazo, ele conta que retomou o projeto de sua biografia, “recusada pela USP”, que contaria com alguns dos diálogos mantidos por cartas, entre eles do próprio Reale. Flusser, aos 43 anos, dá sinais de que quer retornar ao Brasil: “estou certo que não mais botarei raízes, sou demasiadamente brasileiro”.

Falta no acervo do Arquivo Vilém Flusser o que seria uma carta datada em 1 de março de 1974, escrita por Reale, já que a Carta 16 (FLUSSER, 1974, p.26), de 24 de março de 1974, escrita por Flusser é uma longa

³ A 12ª Bienal de SP ocorreu de 5 de outubro a 2 de dezembro de 1973 ainda em um contexto polêmico, por conta do boicote internacional de artistas, iniciado em 1969, na 10ª edição da mostra, conhecida como “A bienal do boicote”.

resposta, de quatro páginas, à ela, onde entra em questões filosóficas de forma detalhada como poucas vezes nas trocas de cartas.

Menos de 20 dias depois, Flusser manda nova carta, enviando um artigo, “Fenomenologia da TV”, sugerindo sua publicação na revista do IBF. Reale contesta as duas em 1º de março de 1974, na Carta 18 (REALE, 1974, p.31), pela primeira vez abrindo-se em seu posicionamento político, defendendo o golpe de 1964:

Efetivamente, através das curvas e voltas de minha vida política, sempre me mantive fiel a uma convicção que você soube captar com sutileza: a de que se impõe conscientizar a gente brasileira do valor de uma liberdade concreta, a qual, a meu ver, só se conquista quando se superam as atitudes ingênuas e líricas que têm encantado e seduzido tantos intelectuais no Brasil. É claro que quem se move segundo essa convicção corre o risco de sucessivas apostas, como ainda agora fiz no caso do movimento de 64, pois o que mais me atemorizava era a “pobreza de ideias” dos “líderes” que pretendiam se aventurar em uma “revolução proletária”, sem terem bases culturais e sem infraestrutura econômica no país capazes de impedir um trágico e irremediável desfecho.

Mais à frente, Miguel Reale afirma que:

A “revolução de 64” foi um violento murro na mesa para chamada à realidade crua de um povo que tem de resolver, na ordem das urgências e prioridades, os problemas de natureza primária, sem se aventurar a altos voos que interessam apenas é pequenos grupos que se alimentam de slogans.

Menos de três meses depois, em 14 de maio de 1974, Reale escreve novamente para Flusser, Carta 19 (REALE, 1974, p.36), sem esperar a resposta à anterior, o que é raro. Ele retoma algumas reflexões sobre o Brasil, que para ele é “sumamente história por fazer-se”, assumindo neste caso um discurso que, em pleno final do século 20, ignora a história indígena e toda a violência colonial e escravocrata no país.

Seguem-se então algumas cartas com temáticas mais amenas, que intercalam uma estada de Flusser no Brasil, de onde ele retorna bastante pessimista, e um encontro de ambos na França, em 1977. Mas é na Carta 24 (FLUSSER, 1978, p.43), escrita em 3 de janeiro de 1978, por Flusser, que o debate entre ambos se aprofunda. Flusser leu o livro *Experiência e Cultura*, de Reale, pela “terceira vez”, como afirma, e tece vários comentários a respeito. Nela, Flusser deixa clara a importância do conceito de experiência como sinônimo de percurso.

Em suma: creio que toda meditação da “experiência” necessariamente deve partir da consideração do fenômeno artístico. Isto é: não da “criação” nem da “contemplação” de obras, mas do contexto no qual simbolizações (obras) ocorrem. Pois o sr. já terá compreendido: para mim “política” enquanto superação de ciência que superou arte é sinônimo de religiosidade porque é engajamento em liberdade. Devo acrescentar, no entanto, que quando digo “religiosidade” é da judeu-cristã que falo, aquela para a qual o inteiramente outro é pessoa. O

“Divergências são inevitáveis”: 27 anos de correspondências entre Vilém Flusser e Miguel Reale

seu livro me parece, a partir de tal ponto de vista, brilhante introdução ao percurso e não ao fundo, nem à meta, de tal teoria.

A leitura atenta de Flusser foi respondida na Carta 25 (REALE, 1978, p.45), de três páginas, escrita por Reale em 16 de janeiro de 1978. Flusser, então, contesta Reale logo em seguida em 31 de janeiro de 1978. Este, aliás, foi um ano de intensa correspondência entre ambos: seis cartas quando a média anual era inferior a duas. Nesta Carta 26 (FLUSSER, 1978, p.49), ele apresenta uma original definição dos papéis que cada grupo social desempenhava na época do regime militar: Políticos são: o “artista” que expõe, o escritor que publica, e o professor que ensina. Em seguida, é severo com “os ditos políticos” (administradores e funcionários de um lado, carreiristas do outro), são pelo contrário “privados da coisa pública”, ou, em grego, “idiotas”.

Em seguida, apresenta uma tese essencial em seu pensamento, sobre a experiência:

Toda experiência é estética, que se dá, sempre, dentro de um “estilo”.[...] Se não há estilo na experiência, esta é falsa, (anestésica). E isto se chama: falta de gosto. “Falta de gosto” é incapacidade para experimentar. Se um general censura filmes pornográficos para um público com salário mínimo menor de \$100.- em defesa da moral, comete “falta de gosto”, isto é: revela a incapacidade para experiência, (moral, estética, e epistemológica). “Falta de gosto”, “imoralidade”, “ignorância” são sinônimos, porque significam “anestesia” = “incapacidade para ter experiência” Isso me leva ao centro da minha polêmica consigo.

Na correspondência seguinte, de 24 de outubro de 1978, Reale evita o debate, na Carta 27 (REALE, 1978, p.52), preferindo descrever a cidade natal do amigo, Praga, por onde passou. Após a intensa correspondência de 1978, a última carta é de debate mais ameno. Flusser retoma em 1980, com a Carta 31 (FLUSSER, 1980, p.58), de 25 de setembro, após outra estada no Brasil, que afirma estar passando por um regime “semi-autoritário”.

Apenas dois anos depois Flusser escreve nova carta, em 7 de setembro de 1982, após nova passagem por São Paulo, onde encontrou o amigo Reale, e de quem ganhou diversos livros. Na Carta 33⁴ (FLUSSER, 1982, p.70), ele aproveita também para responder positivamente a um convite do jurista de 1980 para escrever um artigo.

Passam-se, então, seis anos, sem que se saiba o motivo de pausa tão longa nas correspondências. São Paulo segue tematizada na correspondência escrita em 17 de junho de 1988, tendo por base o livro de memórias em dois volumes de Reale, entregue por um amigo comum, Milton Vargas. Na Carta 34 (FLUSSER, 1988, p.63), Flusser faz questionamentos contundentes:

Mas o que me perturba é que o sr. parece acreditar que não havia, nos anos 30, outra alternativa além do “liberalismo”, “marxismo” e “fascismo”. Como se não tivesse havido naquela

4 No site do Arquivo Vilém Flusser, a carta de 1982 aparece após duas cartas de 1988, mas para manter a narrativa cronológica alteramos a ordem das cartas no Acervo Digital.

época o rádio e o filme, (portanto os primeiros sintomas da massificação global regido por tecnocratas), e contestação a isto, (Walter Benjamin, para citar apenas um nome). Isto me perturba profundamente, porque isto sugere que o sr. continua aderindo aos valores anteriores a revolução cultural pela qual estamos passando, (valores ligados a moral do trabalho).

Miguel Reale contesta, agradecido a Flusser, em 12 de julho de 1988, na Carta 35 (REALE, 1988, p.67). Segue-se, novamente, uma longa pausa entre os amigos, com a próxima carta escrita por Flusser, dois anos depois, em 27 de dezembro de 1990, o que salta um período de extrema transformação no cenário brasileiro, que sai da ditadura de forma pactuada, mantendo eleições indiretas até 1990, quando Fernando Collor é eleito presidente. Nesta Carta 36 (FLUSSER, 1990, p.71), Flusser tece muitos elogios ao amigo, que acabava de comemorar 80 anos. Motivado pela carta afetiva, Reale escreve a Carta 37 (REALE, 1991, p.73), em 29 de Janeiro de 1991, outro ano de correspondência acirrada, apesar de ser o ano da morte de Flusser; foram sete cartas.

O que talvez tenha marcado a minha vida é o fato de agir em função de minhas convicções no momento, sem cálculo de suas possíveis consequências. Ainda recentemente, dei uma entrevista com grave crítica ao governo do Presidente Collor – por mim apoiado contra o “muro de Berlim” representado pelo Lula –, por julgar ser esse meu dever.

Logo em seguida, em 4 de fevereiro de 1991, Flusser, que havia completado 70 anos, responde a Reale, fazendo um balanço de sua vida com a Carta 38 (FLUSSER, 1991, p.77):

Minha tomada de consciência é marcada pela desilusão com o comunismo, minha maturidade (os anos 40) pelos campos de extermínio, a maior parte da minha vida ativa (anos 50 e 60) pela desilusão com o Brasil, e minha posição atual.

Praticamente uma semana depois, Flusser escreve na Carta 39 (FLUSSER, 1991, p.78) novamente para Reale, em 12 de fevereiro, após ter recebido dois livros de autoria do amigo, *Vida Oculta* e *O Belo e Outros Valores*. Ele tece, então, comentários a partir deles. Essas observações vão desagradar a Reale, que as contesta em 27 de fevereiro, na Carta 40 (REALE, 1991, p.80), a mais ríspida entre ambos:

Meu caro Flusser, com a sua habitual franqueza, declara que “percorreu superficialmente” os escritos que lhe enviei, o que não o impediu de discorrer amplamente sobre o que seria a nossa divergência fundamental. Desse modo, a sua carta redundou num “monólogo” intrigante, pois me parece que V. somente dá atenção a si mesmo e aos que pensam a seu modo.

Como resposta, Flusser buscou apaziguar o amigo, em 22 de março de 1991, na Carta 41 (FLUSSER, 1991, p.82):

“Divergências são inevitáveis”: 27 anos de correspondências entre Vilém Flusser e Miguel Reale

Estou voltando de longa viagem, preparo outra, e montão de papéis está em cima da minha mesa. Mas sua carta de 27/2 me parece irritada, o que deve ser eliminado imediatamente. Por certo: divergências são inevitáveis, dada a discrepância de nossas posições, mas como diz o sr. corretamente, é possível tentar situar-se na posição do outro, o que procurei fazer (sem sucesso) em minha carta. O que lhe parece ter sido o monólogo era na realidade esforço de traduzir seu discurso nos meus termos

Após essa introdução, Flusser usa de linguagem mais amena para se reconciliar com o amigo. Já na última carta, 42, de Reale para Flusser (REALE, 1991, p.84), em 10 de abril, o jurista retoma os termos corteses, e conta que, em sessão da Academia Paulista de Letras, quando foi apresentado o livro *Überflusser*, uma homenagem em alemão aos 70 anos do amigo, ele usou “da palavra para realçar sua atividade como um dos membros mais ativos do Instituto Brasileiro de Filosofia”.

Isto demonstra, ao contrário da sua afirmação, tenho dado especial atenção aos seus inscitos sabendo apreciar sua contribuição sobre o valor da imaginação e da experiência estética como componente essencial do processo cognoscitivo, e também pelo que o “paradoxo” me parece representar em seu pensamento, algo que, a meu ver, se assemelha a minha ideia de conjectura, mas em nova correlação entre cibernética e cultura.

Mas Reale ainda cobra do amigo o motivo de a publicação *Überflusser* não fazer referência ao Instituto Brasileiro de Filosofia, afinal ele teria sido “uma ponte para sua projeção no mundo da cultura”.

Finalmente, na Carta 43 (FLUSSER, 1991, p.86), de 2 de maio de 1991, os ânimos se acalmam e Flusser explica que ele não foi o editor da publicação alemã, isentando-se de seu conteúdo e sugerindo, de forma afável, um texto para ser publicado em “nossa revista”.

Ele ainda faz um balanço notável de sua relação com o Brasil: “Dediquei-me de corpo e alma durante trinta anos à utopia de contribuir para cultura alternativa à europeia. Falhei, e sei que foi erro meu. Isto em nada afeta minha gratidão e amizade pela sociedade brasileira”.

UM RASTREAMENTO POSSÍVEL

A troca de correspondência por 27 anos de personalidades tão distintas quanto Vilém Flusser e Miguel Reale soa rara em tempos de polarização extremada, evidenciada na escolha da expressão “cultura de cancelamento” apontada como o termo do ano de 2019 pelo Dicionário Macquarie, um dos responsáveis por selecionar anualmente as palavras e expressões que mais moldaram o comportamento humano.

Definitivamente, não vivemos em uma era do diálogo entre diferentes, mas na proteção das bolhas, que reforçam sempre as mesmas ideias. Flusser é um notável exemplo contrário a tal atitude, como revela a troca de cartas com Reale. Mesmo em posição mais frágil – estrangeiro no Brasil, sem trabalho fixo regular, receoso

“Divergências são inevitáveis”: 27 anos de correspondências entre Vilém Flusser e Miguel Reale

de perseguição por sua atuação no campo da cultura – Flusser foi quem mais procurou seu amigo, muitas vezes sem sucesso, e mesmo assim dedicou a ele boa parte de suas correspondências. Flusser não temia explicitar suas “reflexões privadas”, condição básica do engajamento, segundo ele. Assim, descer até a arena de debates – fundamental em uma república - com Reale não lhe causava agonia. Das 43 cartas analisadas e disponíveis no site do Arquivo Vilém Flusser, a maioria, 27 delas, é de Flusser. Especialmente no período em que ambos conviviam em São Paulo, e quando a situação de Flusser era mais delicada, das 11 cartas trocadas, sete foram do pensador nascido em Praga, e mesmo assim Reale não respondeu às mais dramáticas.

Apesar disso, a correspondência seguiu. Como se observa pelas cartas, a publicação do Instituto Brasileiro de Filosofia manteve-se um tema permanente, com Flusser ainda sugerindo em sua última carta, um texto para a “nossa revista”. De certa forma, ela fez parte do projeto de Flusser “à utopia de contribuir para cultura alternativa à europeia”, e por isso o respeito mútuo se manteve por tanto tempo. Mesmo que Flusser fosse um entusiasta “da estética, da vivência concreta”, enquanto Reale fosse um seguidor “da razão prática, do imperativo”, ambas as definições do checo naturalizado brasileiro na Carta 36 (FLUSSER, 1990, p.71), as diferenças sempre foram respeitadas, porque afinal “divergências são inevitáveis”.

REFERÊNCIAS

a) Livros

BERNARDO, Gustavo; MENDES, Ricardo. Vilém Flusser no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

FLUSSER, Vilém. Fenomenologia do brasileiro: em busca do novo homem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

_____. Ficções filosóficas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac&Naify, 2007.

_____. O último juízo: Gerações II. Castigo & Penitência. São Paulo: É Realizações, 2017.

b) Textos na internet

BRUM, Eliane. Os cúmplices. El País. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-0101/osculplices.html?fbclid=IwAR0jE2TwsBD2nwyCkoPsdzQcywlcRVzmtYQn1OWculwIAxe1rfjqoJ0Dz7l>>. Acesso em: 4 jan. 2020.

FLUSSER, Vilém. Arquivo Vilém Flusser de SP Correspondências. Português, Cor_64_Instituto Brasileira de

“Divergências são inevitáveis”: 27 anos de correspondências entre Vilém Flusser e Miguel Reale

Filosofia_3 de 3.

_____. "Do Empate" in Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo - 29/06/1963, disponível em: http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/FLUSSER%20Vilm/do_empate.pdf. Acesso em: 3/03/2020.

GONÇALVES, Rodrigo Jurucê Mattos. Miguel Reale e o Instituto Brasileiro de Filosofia: fundamentação ideológica da ditadura de 1964. Anais do XIV Encontro Estadual de História – ANPUH RS, 18 a 21/07/2018. Disponível em: <http://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/1529600910_ARQUIVO_MIGUELREALEEINSTITUTOBRASILEIRODEFILOSOFIATextoANPUH-RS2018.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

c) Correspondências

Todas as correspondências estão disponíveis em:

<http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=888>. Acesso em: 6 nov. 2019.